

PROC. N.º 1600/82
FLS. 252
RUBRICA *Sueli*

CEDI - P. I. B.
DATA 23, 07, 87
COD IXD 12

Í N D I C E

- HISTÓRICO DA REGIÃO
- HISTÓRICO IRANTXE
- ASPECTO SÓCIO-CULTURAIS
 - Demografia
 - Aldeia Cravari
 - Aldeia Paredão
- LIDERANÇA
- RITUAIS E CERIMONIAIS
- SAÚDE
- EDUCAÇÃO
- ASPECTOS SÓCIO-ECONÔMICOS
- ATUAÇÃO DA MIA
- SITUAÇÃO DAS TERRAS
- PROPOSTA
- BIBLIOGRAFIA
- LEVANTAMENTO FUNDIÁRIO
- MAPA
- MEMORIAL DESCRITIVO

HISTORICO DA REGIÃO

No primeiro quartel do século XVIII um fluxo considerável de migrantes começava deslocar-se para os Sertões de Goiás e Mato Grosso, criando povoadões que constituíram os núcleos embrionários urbanos que existem hoje. Após as descobertas de ouro em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso as bandeiras tomaram o caráter reprovador, transformadas em expedições mineradoras e colonizadoras, tornando o afluxo populacional mais acentuado.

Com o descobrimento das minas na região cuiabana, mudanças processaram-se com rapidez, dentre elas o desdobramento da capitania de São Paulo e o surgimento em 1748 da capitania de Mato Grosso e Minas Gerais.

A riqueza gerada pelas minas foi suficiente para atrair um contingente significativo de migrantes e investimentos para regiões distantes e inóspitas, mas o ouro de Cuiabá não teve vida muito longa, uma década de atividade extrativista foi suficiente para que a produção aurífera tenha começado a retrair-se.

Com o declínio da mineração, um estado de pobreza generalizada apossou da região. A ausência de produção para exportação num meio organiza do na exploração do trabalho escravo longamente contribuiu para dificultar a redefinição da economia. A resposta imediata dos moradores de Mato Grosso foi tentar recuperar as condições que haviam tornado a região um polo econômico importante no cenário colonial. Da tentativa de localizar novas jazidas minerais resultou a descoberta de ligações fluviais com Belém. A comunicação pela rota do Madeira, foi inicialmente proibida pela corte portuguesa - que receava conflitos com os espanhóis instalados na banda ocidental do rio.

A eleição de Vila Bela da Santíssima Trindade, situada às margens do Guaporé - para cabeça de Capitania de Mato Grosso-abriu a nova rota do Guaporé.

A esperança de que achados auríferos, reativassem a economia, em fase de estagnamento, levou os moradores de Cuiabá até a zona dos Parecis (1734) às margens do Guaporé (1737), do rio Arinos (1745) e à região de Diamantino (1746). As novas jazidas não corresponderam às expectativas, tornando a

regressão econômica inevitável.

Com o declínio da mineração, a economia matogrossense passou a desenvolver-se em torno da lavoura, criação de gado e comércio. O povoamento do território - que se concentravam em Cuiabá e Vila Bela nas regiões central e ocidental respectivamente - registrou nesse período uma certa descompensação resultante da formação de fazendas de criação, especialmente na zona meridional, bem como de ocorrências auríferas em novas áreas. A presença de algumas tribos indígenas hostis e a vizinhança castelhana, desempenharam seu papel na consolidação das fronteiras através da expansão da área de povoamento. Surgiram assim pontos de povoamento como Albuquerque (Corumbá), Vila Maria (Cáceres), Forte de Coimbra.

O processo de ocupação de novas áreas matogrossenses ganhou novo alento após 1870, com a cessação das hostilidades com Paraguai. A partir dessa data, algumas áreas da parte setentrional da região começaram a sofrer uma penetração mais sistemática decorrente da exploração de seringais existentes em longos trechos da floresta amazônica que se estende sobre o território matogrossense. A região de Diamantino ingressou na era da borracha por volta de 1870 com a exploração do baixo Juruena e com o estabelecimento do primeiro seringal no Arinos poucos anos depois. A exploração do território se intensificou e, nos meados de 1880 os seringais nativos nas encostas da serra dos Parecis atraíram para a região as atenções dos seringueiros e seringalista. Tal incremento teve, na época, a indústria extrativista, que Diamantino, se converteu em entreposto de borracha.

A região setentrional de Mato Grosso por força de sua dependência da economia de extração de latex começou a ver sua participação na economia regional reduzir-se progressivamente a partir da segunda década do presente século. Com o arrefecimento da produção do latex, a economia matogrossense investiu mais esforços na lavoura e pecuária. A castanha do Pará, o babaçu, a cacaueteira, as madeiras de lei, o ouro, e diamantes constituem, recursos naturais sobre os quais se exerce a atividade econômica na região. A borracha, não obstante produzida em quantidades mais reduzidas se comparada com as épocas anteriores continuou desempenhando um papel de certa importância. Diamantino, o epicentro que movimentara a região desde o último quartel do século passado, continuava atraindo seringueiros mesmo quando a borracha deixou de constituir um produto de grande expressão na economia nacional. Deve-se a esses seringueiros o primeiro contato pacífico com uma aldeia Irantxe.

HISTÓRICO IRANTXE

Os primeiros registros sobre os Irantxe (ou Múnkú como se autoidentificam) de Mato Grosso devem-se ao Marechal Rondon, informações a ele trazidas pelos Pareci que trabalhavam junto à comissão empenhada na instalação de linhas telegráficas pelo sertão de Mato Grosso no início deste século, foram registradas nas "Conferências realizadas em 1910 no Rio de Janeiro e São Paulo". Levando em conta as relações amistosas entre Pareci e Irantxe, e as informações recebidas acreditou serem os Irantxe um subgrupo Paresi, afirmando: "graças a isso sabemos que os Paresi se dividem atualmente em três grupos principais: Caximiti, Uaimarés e Cozarini, (...) além destes três grupos afirmam os Pareci a existência doutros, como os Iranches e Salumás, que se teriam talvez internado pelo sertão, para além do Juruena, e dos quais nunca mais houve notícias".

Durante a expedição de 1909, o Amure Coluizorôcê que acompanhou Rondon em toda sua travessia esperava encontrar a cada momento "maloca" ou, pelo menos "signaes" desses dois grupos "mas as suas esperanças foram frustradas não conseguiram descobrir o menor vestígio que lhe servisse de indício da passagem, mais ou menos recente, de sua gente por nenhum dos lugares que cuidadosamente explorou". Pelas informações dos Cozarini e Maimaré, diz Rondon: "Sei que falam o ariti (língua Paresi etnolinguisticamente classificada como Aruak) levemente modificada, constroem casas e usam redes como os demais Parecis". Quanto ao território descreve-se como cortado pelos rios Papagaio, Cravari e Buriti, localizando-se entre os paralelos 13º e 13º30' sul e meridional 46º46' e 15º15' a oeste do Rio de Janeiro. Enfatiza a "índole pacífica e até mesmo tímida dos Iranche" apesar do que os contatos com as frentes de expansão foram de natureza conflituosa envolvendo seringueiros que exploravam a região do Cravari, culminando com a diziminação de toda uma maloca indígena, numa ação marcada por requintes de extrema perversidade.

Em janeiro de 1928 Max Schmidt, baseado em informações recebidas em Cuiabá, e acompanhado por Índios Paresi andou pelos igarapés do Cravari a procura das aldeias Irantxe. Encontrou caminhos, vestígios, ranchos abandonados artefatos mas nenhum caminho certo. Instalado em Utiariti, após o insucesso da

viagem, Schmidt é visitado por um Paresi que havia encontrado, casualmente, alguns Irantxe aos quais propusera com êxito uma visita a Utiariti. Desse encontro resultam as primeiras informações etnográficas dos Irantxe, apesar de restringirem-se ao aspecto físico e observações superficiais sobre o comportamento e a língua devido a falta de interprete versado na língua Irantxe.

Em 1930 os Jesuítas assumiram a Prelazia de Diamantino, sob cuja jurisdição encontrava-se a maior parte da região setentrional do atual Estado de Mato Grosso, compreendia na realidade duas áreas bem distintas. Uma menor ao sul, abrangendo a região de Diamantino, cujas atividades econômicas perfilavam-se em pequenas lavouras, criação de gado, coleta de babaçu e poaia, e outra ao norte chamada de "zona da seringa" área indígena por excelência, e onde a Missão desempenha seu papel evangelizador.

Em 1935 os Jesuítas decidiram abrir a primeira missão indígena (...) estabelecendo-se entre os Nambikwara.

Em 1945 transferiram a estação missionária de Mangabal para Utiariti, "sua situação mais próxima dos Irantxe e dos Paresi recomendava a transferência da sede da Missão"(1975).

A exploração intensiva do norte matogrossense em função da brusca demanda da borracha pelas nações do ocidente fez com que se tentassem colocar em prática medidas destinadas a minimizar a exacerbação das relações entre índios e seringueiros, relações que tinham até então sido marcadas por conflitos. Precavendo-se de futuros conflitos o S.P.I. em 1945 estabelece um Posto Indígena em área frequentada pelos Irantxe com o objetivo de contatá-los e exercer o contato entre estes e os seringueiros que vasculhavam a região. Surge assim o Posto Major Libânio Colyizorecê, mais conhecido simplesmente como Posto Tolosa. Além dos jesuítas de Diamantino, dos seringueiros, dos funcionários do órgão de proteção aos índios, outros agentes também se fizeram presentes nos estágios iniciais do contato envolvendo o grupo indígena Irantxe e a sociedade nacional. Trata-se dos missionários protestantes da ISAMU (Inland South America Missionary Union) estabelecida em Utiariti, empenhada em ganhar a adesão dos Irantxe ao seu credo religioso. Estes religiosos foram os primeiros a visitar em 1948 uma aldeia Irantxe. Todavia, nesse mesmo ano alguns Irantxe foram atacados pelos Beijo-de-Pau. O medo adquirido pelos Irantxe dos Beijo-de-Pau e Canoeiro levaram-os a procurar um refúgio seguro, elegendo Utiariti para tal fim.

Josué, um índio Irantxe já velho que conhecemos em Utiariti, quando da visita do G.T., relatou-nos que os Irantxe do Cravari saíram da sua área tra

dicional fugindo dos Beijo-de-Pau e dos Canoeiros. Os primeiros atacavam e levavam mulheres, os segundos matavam e praticavam a antropofagia. Lembrou Josué um ataque dos Beijo-de-Pau do qual resultou o roubo de aproximadamente dez mulheres Irantxe das quais o grupo nunca mais teve notícias.

Em 1949 a inspetoria do S.P.I. em Cuiabá disposta a exercer controle sobre os Irantxe resolve determinar a saída dos mesmos e estabelecê-los no Posto Major Coluzoircê. Atraiados por influências opostas (S.P.I., Missão Jesuíta e Missão Protestante) os Irantxe acabam vagando entre Utiariti, o posto e suas próprias aldeias. Criado o impasse o Pe. Dornstauder decide fundar uma capela numa aldeia Irantxe com a principal preocupação de intensificar a catequese, iniciada já desde os primeiros contatos com os primeiros Jesuítas. Assim aprenderia a língua, quebraria a desconfiança e conheceria melhor a cultura Mũku. Conforme o diário de Utiariti escolhe a aldeia Acácio e denomina-a Imaculada Conceição de Maria.

Em 1953 a maioria das crianças Irantxe estavam batizadas e instaladas no internato de Utiariti. No ano seguinte um contingente de índios adultos dirigem-se para Utiariti, mas logo acompanhados pelo Pe. Dornstauder retornaram à região do Cravari estabelecendo-se num local denominado Barracão Queimado. Em Utiariti e Barracão Queimado os Índios ficaram sob a órbita da Missão de Diamantino, que passou a nortear o seu processo aculturativo, "desta data em diante se pode dar por encerrada a vida tribal nativa e espontânea dos Irantxe, sem a intervenção de elementos de aculturação civilizada branca, brasileira ou norteamericana. Três famílias permanecem na margem esquerda do Cravari, enquanto a força viva dos Irantxe vive nas missões Jesuíticas em Utiariti, onde os mais novos se alfabetizam" (1975).

A missão de Utiariti, entretanto resolve em 1958 processar a volta de todas as tribos ao seu habitat julgando atender melhor os princípios de educação indígena assistindo-os nas aldeias. Os Irantxe surpreendem-se e revoltam-se com essa atitude da missão, e resolvem abandonar Utiariti para se fixar na Aldeia Uaporã, localizada na região do Paredão, e depois no Porto de Areia, situada acima da confluência do Córrego Robafo com o Rio Cravari.

Desde a saída de Utiariti os Jesuítas procuram assegurar-lhes terra por lei, surge assim o Decreto nº 63.368/68 que cria o R.I. Irantxe.

A FUNAI instala um posto e passa a cuidar dos Irantxe. Após inspetoria de servidor da FUNAI se recomenda como melhor medida que a MIA reassuma os cuidados dos Irantxe. Assim em 1972 a OPAN se fixa entre os Irantxe e passa a dar assistência, tendo Utiariti como Sede (1975).

ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS

1. DEMOGRAFIA

Em 1971, o Pe. Thomaz de Aquino Lisboa (coordenador da Missão Anchieta) encaminha relatório à FUNAI no qual inclui uma relação de 20 famílias Irantxe, estando seus membros assim distribuídos (1):

IRANTXE PUROS	CASAMENTO INTERTRIBAIS	CRIANÇAS MISCIGENADAS
27 homens	3 índios Rikbâktsa	16 meninos
9 mulheres	6 índios Paresi	<u>21</u> meninas
4 meninos	2 índios Kayabí	37 total
<u>7</u> meninas	1 índia Cinta Larga	
47 total	1 índia Manduca	
	<u>1</u> índio Nambikwara	
	14 total	
<u>Total Geral:</u> 98 índios		

Em 1977, a antropóloga Delvair M. Melatti visita os Irantxe e encontra-os nucleados em duas aldeias, cuja população somava ao todo 143 pessoas entre Irantxe, Pareci, Halotésú, Erigpaktsa e mestiços desses grupos.

Conforme levantamento feito pelo Pe. Adalberto Pereira "em 1948 eram 110; em 1954, 54; hoje (1964) são 52, os já mesclados com Paresi, Nambikwara e Kayabi".

O Pe. Dornstauder estima que em 1954 havia 51 Irantxe em cinco casas do Cravari e 56 localizadas na beira desse rio, somando 107 pessoas. Em 1971 havia 98 índios, desses, 47 eram Irantxe, 37 mestiços e 14 de diferentes grupos tribais. Num relatório enviado pela MIA em 1973 havia 109 índios, 59 mulheres e 50 homens. Em 1974 a antropóloga Diana Motta constatou 117 índios, 61 homens e 56 mulheres. (2)

(1) Fonte: Proc. FUNAI/BSB/1600/82 - pág. 42

(2) Fonte: Proc. FUNAI/BSB/1600/82 - pág. 120

No levantamento populacional feito pelo G.T. foram recenseadas:

Aldeia do Cravari: 150 pessoas das quais 2 eram Caiabi; 2 Canoeiros; 2 Paresi; 1 Cinta Larga, 1 Manduca. Das pessoas pertencentes a esses grupos e dos arranjos matrimoniais entre eles efetivados resultaram 17 famílias. Dos casamentos realizados apenas entre Irantxe somam 11 famílias.

Aldeia Paredão: 37 pessoas dos quais 1 Cinta Larga, 1 "mestiço" de Paresi-Irantxe, 3 Pareci. Ao todo somam 6 famílias.

Aldeia Perdiz: 4 pessoas em 2 famílias, dos quais um casal novo e outro aguardando o primeiro filho. Um dos casais é "mestiço" de Pareci-Irantxe e Irantxe-Caiabi; a outra é "mestiço" de Irantxe-Cinta Larga e Irantxe-Pareci.

A seguir será registrada a listagem demográfica, apenas das aldeias Paredão e Perdiz, devido ao número menor de pessoas, visto que a listagem da aldeia do Cravari ficaria extensa demais.

Paredão - (Demografia - 1984)

- 19) Sebastião (Irantxe)
Vanda (Cinta Larga)
6 crianças
- 29) Afonso (Irantxe)
Maria José (Pareci-Irantxe)
3 crianças
- 39) Miguel (Irantxe)
Dolores (Irantxe)
3 crianças
- 49) Margarida (Pareci)
sem filhos
- 59) Atanásio (Irantxe)
Márcia Lúcia (Pareci)
7 crianças
- 69) Augusto (Pareci)
Guiomar (Pareci)
4 crianças

Perdiz - (Demografia - 1984)

- 1º) Bernardino (Irantxe-Pareci)
Elizabeth (Irantxe-Caiabi)
(Casal novo)
- 2º) José Francisco (Irantxe-Pareci)
Casilda (Irantxe-Cinta Larga)
(Aguardando o 1º filho)

Os arranjos matrimoniais entre Irantxe e os grupos já descritos, pensamos são, em sua maioria, decorrentes da ação missionária e do período de internato em Utiariti, época em que esses grupos moravam na Missão. A descaracterização, em termos tribais, dos descendentes resultantes de casamentos mistos é agravada ainda mais na sua própria descendência visto que a língua falada hoje é o português, tendo-se perdido alguns traços culturais da sociedade Irantxe como um todo, e a língua na maioria dos adultos e crianças. Os arranjos matrimoniais entre Pareci-Irantxe parecem ser anteriores ao contato, após o que se intensificaram.

Mais uma vez, é palpável como a ação evangelizadora consciente ou inconscientemente - desestrutura sociedades (culturas) deixando como lembrança, apenas elementos culturais visíveis que hoje não mais se mantêm. Apenas um Irantxe velho possui o furo nasal, e duas mulheres Caiabi, já idosas, da aldeia do Cravari possuem tatuagem facial.

Não obstante e pese a deculturação que sofreram, os Irantxe parecem estimulados a revitalizar determinados aspectos de sua cultura tradicional.

A retribalização Irantxe, uma vez assegurada a terra, trará, sem dúvida, a revitalização cultural do grupo apesar das modificações sofridas nos seus padrões tradicionais.

2. ALDEIA CRAVARI

As casas das aldeias Irantxe seguem o padrão regional, são de pau-a-pique, barreadas ou não, as paredes são de adobe e o teto de zinco ou de palha de folhas de buriti. Possuem divisões internas de pau-a-pique sem barreado, ficando a residência dividida em três ou mais cômodos. A cozinha possui fo

gão caipira de barro assentado diretamente no chão.

Na aldeia do Cravari as habitações são construídas umas ao lado das outras fazendo duas fileiras paralelas ficando no centro um amplo espaço que serve de campo de futebol. O cemitério encontra-se alinhado na fileira de casas à direita de quem chega a aldeia, uma estrutura de paus roliços sustenta o teto do mesmo. (vide croqui)

Galpão, casa de farinha e moenda de cana encontram-se perto do Córrego São Domingos, Robalo ou Córrego da Aldeia.

As habitações tradicionais dos Irantxe que comportavam uma aldeia são descritas como casas longas de palmeira dispostas em fila, alojando cada uma de 50 a 60 pessoas. A única habitação que conserva todavia sua forma tradicional é a casa dos homens, nela são guardadas as flautas jetá (ou ietã). É uma construção retangular cuja armação feita de paus roliços sustenta o teto de palmeira de buriti que descendo até o chão forma as paredes.

A farmácia (construída pela Missão, antigamente usada como residência dos missionários) possui sólida construção de grossas paredes assemelhando-se a alvenaria com cobertura de telhas de barro, o banheiro construído atrás da casa estava sem condições de uso.

A escola é construída de paredes de madeira (pau-roliço) com teto de zinco, funciona como sala de aula e capela, visto que um pequeno altar com a imagem de nossa senhora nela se encontra.

O galpão de madeira e teto de zinco é usado para guardar o trator de lâmina (comprado com recursos da Oxfan), ferramentas em geral, arado, carreta, bateadeira de cereais, e instrumentos necessários para manutenção do trator.

3. ALDEIA PAREDÃO

A Aldeia Paredão é composta de seis casas das quais uma está abandonada, por estar em más condições, e outra esta em fase de construção.

As habitações seguem o padrão regional de pau-a-pique e barreiros, com teto de palha de buriti, nenhuma possuía zinco. O córrego da aldeia, que passa beirando a mesma foi represado e formou-se um açude onde os Irantxe lavam roupa e louça. Num futuro próximo pretendem utilizá-lo para criação de

peixes. (vide croqui)

Cabe apontar aqui a necessidade de serem introduzidos gatos, principalmente na aldeia Paredão, visto, a grande quantidade de ratos que habitam, dentro da palha de buriti, nos tetos das habitações.

LIDERANÇA

Até antes da interação entre Irantxe e a sociedade nacional, este grupo possuía dois líderes, um organizador de rituais (Tiktã ioni) e outro denominado (Titxãtã) que atuava como líder moderador (político). A sucessão se processava por herança cabendo ao filho mais velho, após a morte do pai, ocupar o lugar deste.

Hoje a sucessão se processa por eleição, onde todos participam. Quando da visita do G.T. o capitão do Cravari, Elias, eleito pela comunidade, tinha sido destituído. O grupo estava esperando que ele voltasse de Cuiabá para fazerem nova eleição. Interinamente Manoel respondia pelo cargo. Cabe ao capitão, organizar trabalhos na roça, organizar o trabalho de construção de novas residências, resolver brigas internas, casamentos etc. No Paredão o Capitão é Atanásio (Irantxe).

RITUAIS e CERIMONIAS

Devido a miscigenação intertribal e ao longo período de internato na Missão Anchieta em Utiariti, os Irantxe hoje não mais realizam as festas com a periodicidade de antigamente.

A dança da Jararaca na qual só os homens participam, hoje se realiza esporadicamente e como "memória - lembrança", assim como o Iaculi, outra dança tradicional Irantxe onde todos participam. O jogo de bola, "só com a cabeça" ainda é uma prática mantida pelo grupo, ocasião na qual se reúnem elementos das aldeias.

As flautas Ietã que não podem ser vistas pelas mulheres, costumam ser guardadas numa casa construída para esse fim, a diferença das flautas Pã que podem ser vistas pelas mulheres.

O casamento não se processa nos moldes tradicionais. O casal, que está para casar, faz promessa de casamento materializando-se com uma festa onde

se bebe chicha, come-se beijú e dançam (a maneira regional). Quando houver oportunidade oficializa-se o casamento na igreja. Devido aos casamentos interétnicos o grupo se vê compelido a reelaborar o sistema e terminologia de parentes.

SAÚDE

A enfermaria do Cravari esta desativada, quando da visita do G.T. a atendente desta aldeia tinha-se mudado com sua família devido a desentendimentos com a comunidade. As atribuições da atendente eram diagnosticar, prescrever, medicar e ministrar medicação, realizar partos e encaminhar doentes à missão em Diamantino ou a Chácara da 5ª DR em Cuiabá. A atendente tinha prática e conhecimento de ervas medicinais. Os remédios são fornecidos pela Missão em troca de farinha, ou comprados pela Missão com recursos advindos da venda da borracha. Com a saída da atendente, o atendimento em saúde ficou bastante precário. A aldeia não possui rádio - para se comunicar ao menos com Utiariti que dista 60 Km - e a Missão em Utiariti não tem disponibilidade de veículo para atender a aldeia, além do estado precário das estradas, e da balsa do Rio Sacre que deve ser transposta na rota Aldeia-Missão.

Os doentes encaminhados a Diamantino ficam hospedados na sede da Missão e são atendidos no hospital da cidade. Alguns índios são beneficiários do FUNRURAL.

Quando da visita do G.T. a área o Pe. Arlindo estava visitando a aldeia e ministrando vacinas antipoliomielíticas trazidas de Diamantino.

No Paredão a índia Maria José (Paresi-Irantxe) tem conhecimento suficiente para atuar como atendente (conforme informou Atanásio). A habitação que servirá de enfermaria será construída por eles mesmos. Remédios e instrumentos deverão ser supridos pela FUNAI/Missão.

EDUCAÇÃO

Quase todos os adultos moravam na missão, pelo menos até 1969, de onde retornaram a área. Os monitores estudaram na Missão (Manoel - Cravari - e Atanásio-Paredão) este último atua como professor-diretor na sua aldeia e supervisor no Cravari. O material escolar e o salário dos monitores proveem da Prefeitura de Diamantino. O currículo é o da Secretaria de Educação do Estado

(Português, Matemática, Ciências, Estudos Sociais e Educação Moral e Cívica). Não há material específico para ensino bilingue. Devido aos casamentos intertribais a língua Irantxe passou a ser menos usada, predominando o português. Um dos objetivos do grupo é reavivar as tradições. Possuem senso crítico frente a situação de contato.

De 1979 a 1983 a escola não funcionou, tendo sido reativada após a contratação dos monitores Irantxe. Atualmente a escola do Cravari tem 14 crianças. A sala de aula-capela é espaçosa, com número de carteiras suficientes (22). Quanto ao material permanente possuem 03 armários de metal, 01 quadro negro e 01 mesa para o monitor. A organização do trabalho (currículo escolar) é feita pelo Atanásio, e Manoel segue as indicações deste no desenvolver das matérias ministradas. Atanásio atua como diretor e supervisor das duas escolas.

O material escolar é fornecido pela Prefeitura, a merenda escolar que deveria também ser por ela fornecida no momento da visita do G.T. não o estava.

No Paredão a escola construída recentemente, possui duas salas. A mobília da sala é composta por 03 mesas grandes com bancos, 01 quadro negro, e uma mesa para o professor. A população escolar soma 11 alunos assim distribuídos: 09 da 1ª série e 02 da 2ª série. As duas séries assistem aula juntas no período da tarde - das 13:30 às 17:30 hs.

ASPECTOS SÓCIO-ECONÔMICOS

Os Irantxe cultivam roças individuais, localizadas 1 1/2 Km da aldeia, e cujo tamanho depende do número de pessoas da família proprietária. No Cravari são de 150 a 450 m² de superfície, no Paredão de 200 m² no máximo. São roças rotativas de toco que após um período de plantio devem ser abandonadas, devendo ser retomadas as antigas capoeiras.

A região se caracteriza como cerrado com mata ciliar acompanha os cursos de água. Produz bem mandioca, cana, arroz, feijão de fava, milho, banana, amendoim e batata doce. Realizam plantios consorciados. Temperos (cebolinha, salsa, etc.) se plantam em canteiros suspensos perto das residências.

Os implementos agrícolas utilizados, facão, foice, enxada, cavaqueira para arroz e milho são comprados em Diamantino e Cuiabá. Não há excedente agrícola vendável, e as sementes são armazenadas pelo produtor na sua própria vivenda.

A moenda de cana e casa da farinha - na aldeia Cravari - é utilizada pelas duas aldeias, rapadura e garapa são produzidas apenas para o consumo. A farinha de mandioca é produzida para consumo e venda.

Possuem 01 trator de lâmina - doado pela OXFAN - sem condições de uso, principalmente por falta de peças para reposição e instrumentos para concerto dos pneus, e combustível.

Extraem seringa das seringueiras nativas, no período de abril a dezembro. A seringa é prensada e vendida em Diamantino, o transporte é feito no caminhão da MIA, é através do dinheiro obtido na venda da seringa que compram mercadorias. Produzem 1.000 Kg de borracha (de cocho) em 5 meses de trabalho. A missão fica com uma parte do obtido pela venda da borracha, para suprir necessidades, preferentemente na área de saúde (medicamentos e encaminhamento de doentes).

Em 1976-78 a OXFAN implantou um projeto agrícola que forneceu sementes de arroz, adubo e calcário agrícola. Dentro desse projeto foram plantados 18 alqueires de arroz que produziram aproximadamente 6.000 sacas. Quando

a OXFAN deixou de acompanhar o projeto a produção da comunidade "só deu para consumo e nenhum lucro". Informaram que em 1983 a ASPLAN realizou um levantamento minucioso das necessidades da área e "ficou por isso mesmo".

Os animais domésticos galinha e porco, são de propriedade individual, animais de caça, veado, tatu, paca, jacú e mutum, são distribuídos em porções para as famílias. Hoje é difícil caçar visto que não possuem munição suficiente. O uso de arco e flecha para caça não foi abandonado, pratica-se com eles a caça de animais de pequeno e médio porte.

Quanto a pesca, matrinxã, pacú, piau são os peixes da região, pescados em pouca quantidade. Na aldeia Paredão foi feito um açude onde pretendem junto com o Pe. Arlindo da Missão criar tilápia.

As famílias que moram na aldeia Perdiz tratam das seringueiras ali existentes, e roça de subsistência.

As árvores frutíferas mas comuns são cajueiro, mangueira, banana neira. Possuem também plantação em pequena escala de abacaxi.

Pedem à FUNAI maquinaria para a lavoura de arroz, material para manutenção e conserto do trator, principalmente material para conserto de pneus. Solicitam apoio da FUNAI para plantio de cana, banana, abacaxi e outros produtos destinados à merenda escolar. Segundo Atanasio há capoeiras boas que poderiam ser aproveitadas exclusivamente para obterem alimentos para a merenda escolar; visto que a Prefeitura de Diamantino não a fornece.

Nos últimos anos deixaram de trabalhar nas fazendas, retornando a confecção de artesanato como meio de suprir necessidades não cobertas pelo rendimento obtido da borracha.

É grande o número de abelhas na área, delas aproveitam os favos de mel que recolhem nas casas de abelhas na mata. Essas abelhas são nativas. Seria interessante promover um projeto de apicultura.

Deve-se apresentar registros fotográficos por ter estado a máquina, fornecida pela FUNAI, sem condições de uso.

ATUAÇÃO DA MISSÃO ANCHIETA

A Missão Anchieta instalou-se em Utiariti por volta de 1945, época em que "os jesuítas transferiram a estação missionária de Mangabal para

Utiariti" (1975). Após vários contatos mantidos com os Irantxe, em 1954 estes transferem-se para Utiariti fugindo dos ataques dos Beijo-de-Pau. Uma vez instalados na Missão, os Irantxe, Nambikwara e Pareci passam a viver em regime de internato onde eram alfabetizados e aprendiam ofícios, (na serraria e oficina mecânica).

Em 1968, os jesuítas dentro de uma nova política para tratar com os indígenas resolvem desativar o internato, ficando esses grupos obrigados a voltarem para suas áreas de origem.

Em Utiariti, hoje restam apenas as construções daquela época, dormitórios, casa dos padres, igreja, cozinha, escola, oficina mecânica, restos da serraria, em condições de serem recuperadas. O hospital, remodelado, encontra-se funcionando a enfermeira é uma índia Canoeira casada com Paresi. Da usina do Salto do Papagaio vem a luz e a água utilizada nos prédios.

Encontramos na missão, o Pe. Arlindo; o Irmão Raimundo; o Pe. Adalberto P. da Silva quem quando da passagem do G.T. encontrava-se na Missão, redigindo trabalhos antropológicos; e o Irmão Crist tratando os dentes dos Paresi. Possuem um rádio-receptor para contatos, com Diamantino e Quiabá. A pista de pouso está em boas condições de uso, assim como a balsa do Papagaio. A missão possui uma toyota e um caminhão. A primeira é utilizada para assistir as áreas, conduzir doentes e outras necessidades, o segundo para levar borracha para venda em Utiariti e trazer os produtos lá comprados. O motorista é um Irantxe. A escola composta de três salas de aula em bom estado de conservação, possui umas quinze carteiras e quadro negro nas respectivas salas, está desativada.

Os Irantxe obtêm da missão o apoio necessário na área de saúde, comercialização dos produtos e na defesa do território. Após a descentralização, dos grupos que habitavam em Utiariti, a Missão passou a incentivá-los e orientá-los no trabalho de roças e na venda da borracha realizando, através do Pe. Arlindo, uma supervisão itinerante. O encarregado da Missão, e de assistir os indígenas na área de influência é o Pe. Arlindo, que desenvolve um trabalho bastante abrangente se considerarmos que cabe a ele percorrer as áreas, atender doentes, conduzi-los a Diamantino, tratar da venda de borracha e todos os assuntos que concernem aos grupos quando chamado para tais fins. Com apoio de verbas recebidas do exterior, a Missão incentivou alguns projetos de desenvolvimento comunitário que acabaram logo após que os recursos minguaram.

Hoje com a escassez de recursos, abandonada e sem pessoal suficiente para assistência, a Missão Anchieta de Utiariti é apenas um marco na história missionária da região.

Aldeia Irantxe do Cravari

Aldeia Irantxe

casas

enfermaria

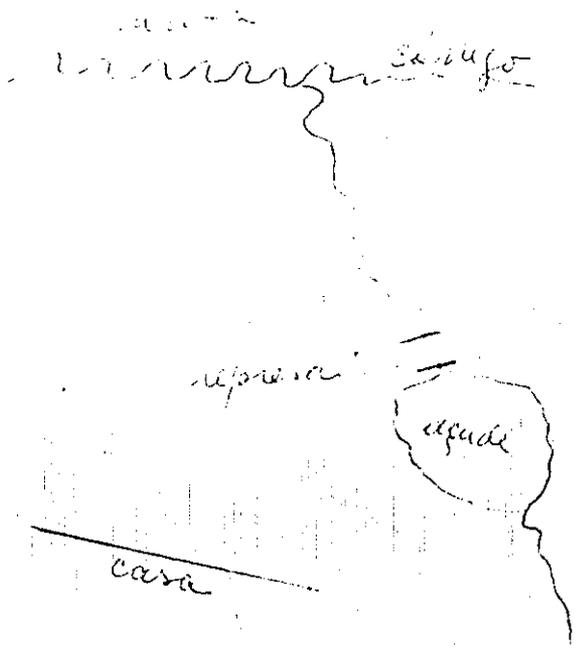
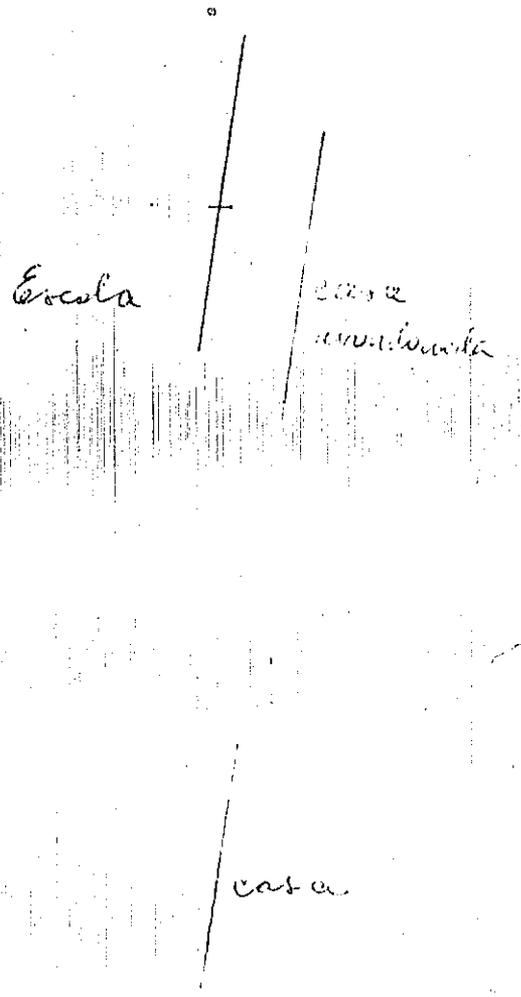
Casa de farinha

campo

mesa de

Ref. Habitações

casas / ...



cam. em construção

Aldeia Irantxe do Paredão

SITUAÇÃO DAS TERRAS

Com a desativação do internato em Utiariti em 1968, e o retorno dos grupos indígenas a suas terras de origem, a Missão Anchieta começou a pleitear a demarcação de áreas. Pelo Decreto nº 63.368 de 08 de outubro de 1968 são criadas reservas indígenas, no Estado de Mato Grosso para os Tapaiuna (Beijo de Pau), Nambikwara, EriKpatsa (Canoeiro), Apiaká, Kaiabi, Irantxe e Pareci. Sucede a este o Decreto nº 64.027/A de 27 de janeiro de 1969 retificando os limites. Como a área abrangida para os Irantxe não correspondia a área realmente pretendida, e por estar defasada da realidade, o grupo indígena embargou a demarcação.

Em julho de 1977 é apresentada nova proposta para Reserva com área aproximada de 62.000 ha a qual é submetida a aprovação dos Irantxe através da MIA, tendo estes concordado. Pelo Decreto 81.113 de outubro de 1977 são alterados os limites de acordo com a proposta de 62.000 ha. Porém a maior parte da área ficava abaixo do paralelo 139, quando a posição real seria acima do paralelo 139.

Em agosto de 1981, o engenheiro Murostegan do DGPI desloca-se a área com o objetivo de confirmar os limites estabelecidos pelo Dec. nº 81.133/77, posto que havia-se comprovado desajuste entre a área descrita e a realidade no chão. O engenheiro é acompanhado pelo Pe. José de Moura da MIA. Desse trabalho resulta uma área de 42.000 ha que inclui cabeceiras de mananciais que vertem no Córrego Grande, seringais nativos, áreas de roça, caça, pesca e colheita necessárias à subsistência.

Tendo seus limites ao Norte a fazenda do Sr. Alberi, quem em 1983 começou uma picada, abandonada após entedimentos com o grupo. Ao Sul-oeste: a fazenda Poderosa; ao Leste: o rio Cravari; a Oeste: linha seca e a rodovia MT - 170 (que atinge parte do limite da área).

Quando da visita do G.T./84 fomos informados que o Sr. Alberi, abandonou definitivamente sua pretensão tendo se retirado do local. A rodovia BR-170 Km liga Cuiabá - Brasnort - São Paulo do Cravari encontrava-se em fase de construção tendo apenas pronta a terraplenagem.

PROPOSTA

Em reunião realizada pelo G.T. com lideranças e representantes da Comunidade Indígena Irantxe (aldeias Cravari e Paredão) ficou decidido que:

1º) A Comunidade Indígena Irantxe pleiteia a demarcação da área identificada pelo engenheiro Benedito Dêlcio Marostegan, conforme mapa e memorial descritivo resultante de ITE nº 066/DGPI de 07.08.81, devendo ser acrescida a extensão de terras compreendidas entre os pontos 5 e 7 até a estrada MT-170 ficando assim o limite noroeste incidente com a MT-170 (limite natural).

Conforme mapa de loteamento de glebas fornecido pelo Intermat, e informação verbal ao G.T., não há títulos definitivos ou loteamentos incidentes na referida área. Portanto o G.T. sugere acréscimo entre os pontos 5 e 7 (do memorial) até a estrada MT-170 (vide mapa) fundamentando-se em:

- a) limite natural (rodovia MT-170) fácil de ser observado;
- b) Resguardar a área, no futuro próximo, de assentamento de colonos na faixa entre a estrada e a linha seca - proposta por Marostegan - poupando futuros conflitos.

2º) Quanto ao limite sul-oeste foi também cogitado o aproveitamento da rodovia MT-170 como limite a partir dos pontos 3 e 4 do memorial descritivo do engenheiro Marostegan. Mas, foi constatado pelo G.T., in loco e no Intermat, a existência de uma propriedade denominada Fazenda Poderosa, a qual possui título definitivo conforme informou verbalmente o engenheiro designado pelo Intermat para acompanhar o G.T. e o Sr. Ismael B. Fonseca - Diretor Técnico Substituto do Intermat.

A área acima descrita, ou seja, a área correspondente ao memorial descritivo do engenheiro Marostegan e a área de acréscimo no limite noroeste encontram-se desimpedidas de ocupação não-indígena.

B I B L I O G R A F I A

- LEOPOLDI, JOSÉ SÁVIO: A ocupação de Oeste Matogrossense Contato com os Índios Iranxe; origens e desenvolvimento. (Xerox)
- MOURA, JOSÉ DE: 1975. Os Iranche; contribuição para o estudo etno lógico de Tribo in Pesquisas (antropologia) n.º 1.
- VIEIRA, RINALDO S. de A. 1983. Relatório de Avaliação da Situação Iranxe. MINTER/SUDECO/Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas - FIPE
- PROC. FUNAI/BSB/1600/82: Comunidade Indígena Irantxe (relatório)

RELATÓRIO nº 02

ASSUNTO: Levantamento Fundiário da Área Indígena IRANTXE

Conforme Portaria nº 1679, de 06.08.84 e por solicitação do Sr. Chefe da CR-13/MT - INCRA, eu SILVIO MARCOS COSME DE MENEZES, Engº Agrônomo, lotado no PAC-Peixoto de Azevedo, e WILTON MADSON ANDRADA, Técnico em Agropecuária, lotado no DPI-SGPI da FUNAI-BSB, fizemos o levantamento fundiário da Área Indígena "IRANTXE".

Na área em questão, não foi constatada, dentro de seus limites até a presente data, nenhuma presença de civilizados.

Sendo assim, na área Indígena IRANTXE, até a presente data, não existem, segundo nosso levantamento, qualquer tipo de ocupantes Civilizados.

Nada mais tendo a relatar sobre a área em questão, subscrevemo-nos

Atenciosamente,

Silvio Cosme de Menezes
SILVIO MARCOS COSME DE MENEZES
Engº Agrônomo - CREA RJ nº 46359 D
INCRA-MT - PAC Peixoto de Azevedo

Wilton Madson Andrada
WILTON MADSON ANDRADA
Técnico em Agropecuária- CREA SP nº 112.155/TD
FUNAI- BSB - DPI - SGPI

Cuiabá-Mt., 23.08.84

*De sup: Renato de
Fláudio solicitando
elaborar memorial
da área.*

BSB, 21/08/84
Sérgio de Campos
Chefe Substituto - DDE/DGPI
Port. n. 1767 de 27.07.81